Correio Editorial
Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel. Pode abrir-se para verificação postal.
Autorização DE00322017CE
ctt
Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

O Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

23 de Dezembro de 2017 • Ano LXXIV • N.º 1925
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

Três reis no seu reino: Alziro, Ratzinquer e Nuno.

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Família humana

O Verbo de Deus fez-Se homem, filho de mulher e de pai adoptivo escolhido pelo Pai. Nasceu no seio de uma família, preparada e congregada para o ajudar a crescer, dando-se por Ele. Os seus receberam-n'O, e tornaram-se modelo para o nascer e crescer de todo o homem. Todas as famílias humanas encontram na Família de Nazaré o modo perfeito de serem família, desenvolvendo no seu viver o caminho para alcançar o seu próprio grau de perfeição.

Também nós, Casa do Gaiato, temos na Família de Jesus de Nazaré o modelo sob o qual nos constituímos, como pais e filhos adoptivos, escolhidos previamente para nos darmos em ordem a remediar as imperfeições e lacunas que a natureza humana, no seu viver, vai produzindo. Também nós somos imperfeitos, como todas as famílias, mas não desistimos nem viramos a cara às dificuldades que a nossa condição nos traz.

Um dos nossos, que há dias festejou o seu décimo nono aniversário, deu-me o mote para este escrito, ao ver nele o contraponto à mentalidade dos actuais Organismos sociais, que rejeitam e descrêem na possibilidade de uma criança crescer e fazer-se homem, dotado de todas as qualidades pessoal e socialmente esperadas, permanecendo muitos anos na nossa Casa, como é este o caso. Nós, que os vemos a crescer, e não estamos alheados do resto do mundo, acreditamos nos frutos que se vão desenvolvendo na vida de cada Rapaz, que fazem dele um homem, com as suas virtudes e defeitos, o que é igualmente característica de todos os outros. Este é um entre muitos, que ao longo de mais de setenta e cinco anos foram acolhidos, cresceram e fizeram-se homens nas Casas do Gaiato, e desenvolveram a partir daí a sua vida pessoal, familiar e social, integrados nas sociedades humanas onde escolheram viver, em Portugal ou noutro país do mundo, contribuindo para o bem dos seus e dessas comunidades.

A experiência de vida em família, deu-lhes a convicção desse bem que experimentaram e que quiseram perpetuar constituindo a sua própria família, para muitos iniciada no dia em que terminaram a sua presença permanente na Casa do Gaiato, celebrando o seu matrimónio na Capela onde semanalmente, pelo menos, celebraram a fé e se abriram ao acolhimento do Verbo de Deus que Se fez homem no seio de uma família, a Família de Nazaré.

Este bem, dado aos homens e mulheres, é difícil de pôr em prática nos dias que correm. Encontra poucos que o acolham convenientemente. A construção da família precisa de alicerces. O Autor deste bem é o alicerce conveniente. Sem Ele, os ventos e as tempestades que atravessam a vida familiar acabam por derrubar a construção. Assim sendo, poucos há que se aventuram. Os nossos Rapazes seguem a par. São dois, homem e mulher, chamados a ser um só. Osmose difícil, mas é vocação dada para o bem de cada um e da comunidade humana. Sem ela não há futuro.

Apesar de pouco crente em si mesmo, o homem tem quem o proteja e incentive a acreditar. As horas difíceis que passam hão-de encontrar renovação n'Aquele que chama todos à vida. A família é o lugar onde ela nasce e se desenvolve. ❑

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Confiados à Mãe

NO dia 8 de Dezembro, Aveiro homenageou gratamente D. António Francisco dos Santos, que foi Bispo dessa Diocese e do Porto, publicando um rico livro com homilias e mensagens suas (2006-2014), sob o título *In manus tuas* — o seu lema episcopal. Três meses depois da sua partida repentina e 45 anos após a sua ordenação presbiteral, foi uma bela evocação de gratidão a um pastor simples e bom, cujas virtudes foram enaltecidas e *a todos ajudem a olhar para o nosso tempo com esperança, alegria, paciência, com aquela docilidade que vinha do seu coração*, como afirmou D. António Moiteiro, Bispo de Aveiro.

É conhecido que marcou a Obra da Rua em vários momentos e celebrações evocativas do Padre Américo. Agendou abrir a porta do Memorial e celebrar a Eucaristia em Paço de Sousa, em 23 de Outubro, no 130.º aniversário; contudo, a 11 de Setembro, o seu coração não aguentou tanta proximidade, oferecendo a sua vida ao Pai. Recordamos aqui uma peripécia, que foi a sua prontidão e de D. António Marcelino na nossa última festa em Aveiro (quantas aí se fizeram!...), pois acederam a subir logo ao palco para suprir uma arreliadora avaria (no cortinado) com as suas palavras de Bispos tão amigos e próximos, devotos de Pai Américo.

Com esta breve memória agradecida, aproveitamos ainda para dar a conhecer uma missiva do Vaticano, através da Nunciatura Apostólica, em assunto tão querido desse pastor da Diocese portucalense — a Causa de Beatificação do Servo de Deus Padre Américo. Nesta matéria, chegou a solicitar (e agradeceu) uma reimpressão da simples *Súmula Biográfica* para o seu Presbitério. Veio na sequência de uma mão amiga que D. José Cordeiro, Bispo de Bragança — Miranda, tem dado para que o Papa Francisco chegue a conhecer o Gigante da Caridade, Amigo dos Pobres, da Igreja em Portugal no século XX — Padre Américo!

Para que conste e ajude a fazer caminho em tal glorificação canónica, eis o essencial do teor de significativas palavras (16-VII-2017) para todos nós: […] *teve a amabilidade de oferecer ao Santo Padre um escrito,* Súmula Biográfica do Padre Américo, *fazendo-o acompanhar por mais literatura sobre esta figura linda de Padre e Pai dos Órfãos e ainda por uma devotada carta onde, para além do mais, lhe desejavam as boas-vindas ao Santuário de Fátima, como filhos reconhecidos a um pai que os visita com a sua ternura e o seu sorriso e os encoraja a viver mais intensamente e com mais entusiasmo como discípulos de Jesus ao jeito de Maria, Mãe de Jesus*

Continua na página 3

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

NO último Jornal, deixei uma promessa aos nossos leitores, de ir ver, onde se encontra e como vive aquela mulher e sua família, que tem sido alvo dos nossos cuidados.

Sim. Fui. Mas o que vi é inimaginável. No meio de um campo, perto da aldeia, encontrei o que nunca pensava. Aquilo não é pobreza. É miséria causada pela auto-marginalização, de que eles não se apercebem e com pouca culpa.

Muitas vezes, os que estão longe das pessoas e das suas dificuldades, vêm-nos com a teoria de que é preciso respeitar as culturas. De acordo, mas só quando essas culturas estiverem ao serviço do Homem, e nunca aquelas que o escravizam e o atiram para a marginalização.

Nunca vou ao Pobres de mãos vazias. Também não levo dinheiro, mas um avio dá sempre jeito. É agradável a quem precisa, faculta o encontro e nunca prejudica. O dinheiro é traidor. Tem de ser bem dirigido e com segurança. Porque, se não, em vez de aliviar a miséria, ainda a aumenta.

Levei comigo o Octávio, não só para me fazer companhia e eu ir mais seguro, mas também por saber que visitar os Pobres é sempre procurar a **Luz Sobrenatural.**

Havia naquele descampado três famílias com muitas crianças. Quando nos aproximámos e fomos vistos por elas, vieram a correr ao nosso encontro, arrastando atrás de si os adultos. Pareceu-me estar em África! Tal a curiosidade dos pequenos e a estranheza dos adultos.

Continua na página 3

SINAIS

Padre Telmo

CRESCERAM as paredes das 4 salas de aulas — projecto que as *Manos Unidas*, de Espanha, nos favoreceu. É já a terceira vez que *Manos Unidas* vêm em nossa ajuda. Graças. É um benefício que vai favorecer as crianças dos bairros mais pobres. Os braços da cidade cresceram e envolvem já a nossa Aldeia. Avanço de casas. Crianças e crianças que precisam de escola.

***

NOLASCO, Barrigas, Frederico, Manuel, Fernandinho e mais outros «Batatinhas», vieram ter comigo, depois de fazerem as provas da primeira e da segunda-classes — um acontecimento. Os rebuçados não lhes dizem nada — tem de ser um sambapito. O sambapito fala. Os olhos brilham e num enfoque de dedos retiram o carapuço que envolve; o carinho dos dedos no pegar o pauzinho; a bolinha mergulha na língua e é o êxtase… Os olhos do Nolasco e do Manuel parados num enlevo, enquanto a língua rebola a bolinha. É um encanto!

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — A chuva que tem caído ultimamente é abençoada, mas na noite de 10/11 de Dezembro houve uma grande tempestade *(Ana)* que provocou mortes, inundações e estragos em Portugal. Na quinta da nossa Casa, parte de um muro de suporte na Rua Casa do Gaiato, a nascente do antigo portão, com esse temporal caiu para a rua, pelo que foi preciso logo apanhar o entulho e colocar um talude de protecção; entretanto, o orçamento para o tal muro, em betão, fica por cerca de 5 mil euros (valha-nos Santa Bárbara)… É de referir ainda que um carvalho, nosso, junto à Avenida Padre Américo, teve de ser cortado, pois os seus ramos estavam a secar… A lenha desta velha árvore foi guardada no barraco.

Muitas azeitonas têm caído das oliveiras, mas a safra vai-se concluindo com a apanha da azeitona nos bataréus, da encosta em frente à rotunda Pai Américo, a sul; depois, os restantes sacos de azeitonas irão para laboração no lagar do costume. Foram colhidos alguns kiwis e muitas tangerinas, no nosso pomar de citrinos, que gostamos muito. Alguns espertinhos adiantaram-se para prevenir a *gripaina,* mas deixaram rastos de cascas e foram avisados de que são para todos — a nossa comunidade… O nosso cão *(Hoffman),* há mais de dez anos junto aos patos como guardador, tem a devida licença e vacinas em dia.

ESCOLAS — A 17 de Novembro, fomos convidados pelo Sr. Director do Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo, Prof. José Manuel Simões, e estivemos presentes na *9.ª Gala de Educação,* na qual o António da Costa, o Fábio Tavares e o Divino (que não pôde estar presente…) receberam Certificados de Valor e Mérito. Os nossos parabéns!

As aulas do 1.º período deste ano lectivo terminaram a 15 de Dezembro e ainda não sabemos as notas que vamos ter, mas temos de nos esforçar mais e ter bom comportamento no 2.º período, em 2018.

O Diogo Madeira começou a 11 de Dezembro o Curso de Operador Agrícola, na APCC — Quinta da Conraria, devidamente autorizado pelo Ministério da Educação, pois tem 17 anos.

SAÚDE — Várias vezes por semana, tem havido muitas consultas dos Rapazes que precisam, em Medicina Dentária (CHUC — Celas) e outras especialidades médicas, no Hospital Pediátrico de Coimbra, pois a saúde é um bem muito precioso a cuidar. No Centro de Saúde, também tem havido consultas e a vacinação (como a da gripe). Somos sempre acompanhados por um colaborador (Prof. Alberto) da nossa Casa.

VISITANTES — Várias famílias amigas têm vindo ajudar-nos com bens de primeira necessidade, o que agradecemos muito. A 2 de Dezembro, membros da Ordem Franciscana Secular, de Tomar, com o Padre Timóteo (italiano), franciscano da Imaculada, vieram visitar-nos e trazer-nos a sua partilha e bens alimentares. Bem-hajam! A 9 de Dezembro, os trabalhadores da empresa *WEAS,* de Cernache (Coimbra), vieram conhecer-nos, visitar a nossa Casa e trazer-nos a sua partilha natalícia, em géneros. Muito obrigado! Vários familiares têm visitado Rapazes da nossa Casa, ao Sábado, conforme combinado, o que é bom para nós; e também vão telefonando para saberem como vai a nossa vida.

FÉRIAS DE NATAL — Durante as férias escolares do Natal deste ano, entre outras actividades, aproveitámos para fazer os trabalhos para casa, realizar tarefas domésticas e agrárias, convivemos, brincámos e jogámos nas horas dos recreios. A 20 de Dezembro, deslocámo-nos ao Santuário de Fátima, de autocarro, para um dia espiritual, com confissões. Boa parte dos Rapazes terão a oportunidade de visitar os seus familiares nesta quadra natalícia. Santo e feliz Natal, bom ano de 2018 para todos, em especial os nossos amigos! ❑

PAÇO DE SOUSA

Vicente António

CAMPO — O Sr. Jorge já fez as podas das videiras e das árvores de fruto. A sementeira das ervas de inverno também já terminou. Esperamos que com a chuva que caiu as ervas germinem bem e cresçam para fazermos boa silagem para o nosso gado. A nossa horta está bonita, com muitas tronchudas que iremos cozinhar para a ceia de Natal.

CONVÍVIOS — Veio um grupo de Amigos de uma empresa nossa vizinha fazer connosco um jogo de futebol e visitar a nossa Casa. O convívio terminou com um lanche, tendo-nos ainda oferecido algumas prendas que serão distribuídas pelos Rapazes na noite de Natal. Também esteve connosco um grupo de dança dirigido pelo Lupricínio, que juntamente com os nossos dançarinos fizeram um animado convívio no nosso salão de festas. Obrigado a todos.

FUTEBOL — Estamos receptivos a receber equipas de futebol que queiram vir jogar connosco. Para o efeito poderão contactar-nos pelo nosso email (obradarua@iol.pt) ou telefone 255752285. Os nossos Rapazes têm efectuado os seus treinos para estarem em forma nos eventuais jogos que possam surgir.

NATAL — Como é habitual na nossa Casa, teremos na noite de Natal a nossa Ceia, seguindo-se a festa no nosso salão, após a qual teremos a Missa do galo. Depois teremos uma pequena refeição, terminando com a distribuição das prendas. Agradecemos a todos os nossos Amigos da Obra Rua o apoio e visitas que tivemos este ano, desejando-lhes um Feliz Natal e um Bom Ano Novo. ❑

LAR DO PORTO

Adelaide e José Alves

Aproxima-se o Natal, data que traz muitas recordações da minha infância em Moçambique, da ceia em família, uma noite quente, mas muito especial, e a seguir íamos à Missa do Galo. No dia seguinte acordávamos e as prendas estavam aos pés da cama. Felizmente tive uma família que, apesar dos seus poucos recursos, me ensinou a ser amiga, saber partilhar com os outros, saber distinguir o bem do mal, ser humilde.

Neste momento já casada e avó, sinto que muitos valores de família já não são prioridade. Uns, porque se fecharam no seu casulo; outros, porque os seus empregos não lhes permite — os horários do trabalho são tão diferenciados que o próprio casal não tem tempo para ele próprio… e muito menos para os filhos e para o resto da família.

Em relação às famílias que damos apoio, a sua pobreza é a todos os níveis. Por muito que queiramos ajudar, é-nos impossível e não temos esse direito de impor regras para as quais eles não dispõem de condições para as executar. Os seus parcos rendimentos não lhes permitem mudar, porque é fácil dizermos o que devem fazer, mas o certo é que, conhecendo a sua realidade, é impossível alterar os seus comportamentos.

Alguns deles fazem parte da nossa Conferência desde o início, alguns já faleceram, outros envelheceram e a sua família aumentou e são avós, mas vivem a maioria com os pais, porque não têm capacidade para alugar uma casa.

Ser confrade é certo que é uma grande virtude, mas é um dever! É um dever porque todo o filho tem obrigação de ajudar seus pais, e mesmo irmãos, e, por isso, nós, pessoas humanas, somos irmãos uns dos outros porque temos o mesmo Pai no Céu.

Por isso, como vedes um cristão deve ajudar os pobres o melhor que possa.

Neste Natal, contamos com a vossa ajuda, queremos proporcionar aos nossos irmãos mais carenciados, um Natal cheio de miminhos. Estamos com poucos recursos, por este motivo apelamos ao vosso coração a vossa partilha.

O QUE RECEBEMOS — Otelo Silva 5 euros; Diamantino Oliveira, 40 euros.

Agradecemos a todos os vossos donativos.

O nosso NIB: 0010 0000 44178020001 58

O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis; Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto ❑

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Elísio Humberto

«GRITO»

No cimo da aldeia tem uma Capela.
Cada vez que olho p'ra ela
Ficam meus olhos a brilhar.

É o meu Templo divino.
Desde os tempos de menino
Que vou lá rezar.

No cimo da aldeia tem uma Capela.
E sempre que entro nela
Grito um desejo profundo:

— Pai, porque é que na campa ainda estais?
— Se prós teus filhos e prós demais
Não há maior Santo no Mundo?!

Desejamos a todos um Feliz Natal e um Ano Novo próspero. ❑

BEIRE — *Flashs* do nosso quotidiano…

Um admirador

Pode ser Deus a chamar-me...

ACHO que ela é essencialmente uma *buscadora*. Voluntária aqui em Beire quase desde a primeira hora. Sempre muito fiel aos seus compromissos com a Obra. O *Ensino Especial* de que todos estes rapazes necessitam mereceu-lhe particular atenção. E, agora que os rapazes já são todos *homens feitos* (?!…), ainda lhes dedica umas quatro horas semanais, repartidas por dois dias na semana. É um tempo tirado à *família de sangue* para servir esta também já sua *família do coração*. E quase se pode apalpar o quanto ela gosta dos rapazes e eles dela. Às terças e quintas a Escola é um lugar de festa — para ela e para eles. Basta ouvi-los no seu aconteceu isto e aquilo e aqueloutro. Tudo coisas de encantar.

A quando da *crise das mudanças* (crise — igual a dificuldade/oportunidade de *crescer-se*), ficou algo baralhada com tantas versões do que ouvia. Cada um de seu jeito, mas cada um *puxa a brasa para a sua sardinha*. Todos gostamos de *fazer adeptos* das nossas opções — *não sou só eu a pensar assim*… Mantendo-se fiel aos rapazes, também ela sentiu necessidade de arrumar o coração e a cabeça quanto ao novo rumo do seu ser voluntária no Calvário. Porque gosta das coisas muito claras, sempre que podia, lá vinha ela *COM+versar* as suas dúvidas. Nunca a senti a querer vender-me certezas — nem pró nem contra. Tudo conversas de quem busca um rumo certo que gere paz interior a esbordar para quantos com ela possam cruzar-se.

Há dias sucedeu isto: ao passar pelo Calvário, para descer até cá baixo, encontrou a Guida. Uma doente nossa, também muito *especial*. Sempre delicada, muito trabalhadeira, é mulher de poucas falas. Metida consigo, desgasta-se muito a ruminar desgraças. Ao passar, a senhora cumprimentou-a. Tudo coisas que sempre fez e a que nunca se seguiu nenhuma conversa. Mas naquele dia, a Guida, *com o sorriso mais bonito do mundo e a voz mais meiga de um coração de mulher,* disparou: — *Agora a senhora abandonou-nos!*…

Nesse mesmo dia, em conversas de fim de tarefa de *dever cumprido,* diz-me que isto da Guida mexeu com ela. E comentava: — *Vou ter de rever a minha posição em relação ao Calvário. Pode ser Deus a chamar-me. Tenho de me decidir. Acho que vou voltar.* O eco que esta sua partilha deixou em mim não me larga. É nestes pequenos nadas que eu vejo o *Reino (reinado) de Deus* a crescer. Aqui em Beire / Calvário. Porque sei que Deus se tem servido deste lugar para falar a muita gente. E de muitos modos. A cada um na sua própria língua (Act 2, 4-6). — *Não podemos deixar estancar a fonte,* continua Pai Américo a *segredar-nos*. Nesta dimensão da *Obra da Rua* que é o seu *último sonho,* realizado com a originalidade ímpar de P.e Baptista e a colaboração de muitos anónimos *construtores do Reino*.

***

JÁ depois de jantar, o *Varito* chama-me. — *O Fenando vomitou*… Vou onde ele é. No escuro da noite, vejo o Fernando sozinho, cabeça entre as mãos. Está debaixo do abacateiro, sentado numa beira de pedra, lá ao fundo das escadas que dão para a lavandaria / salão de jogos. Chamo-o. Vejo duas lágrimas grossas a correr-lhe pela face. — *Vomitei. Dói-me a barriga*…

Solto a *galinha-Mãe* que também há em mim. Acordada quando, pela primeira vez, depois da morte da Isaurinha, um dos meus filhos adoeceu. Fiquei um pouco atarantado, mas tinha que actuar. Aprendi a lição e hoje tudo correu bem: um telefonema ao enfermeiro, um comprimido, um cházinho com bolachas, um bocadinho de atenção *só para* o Fernando. Porque também ele, como todos os *fernandos* do mundo, precisa de *ser visto, ser ouvido, ser tocado, ser compreendido, ser reconhecido*…

A instituição ganharia deveras se todos os seus voluntários e/ou assalariados soubessem ***praticar*** generosamente esta verdade das *Ciências do Homem:* todo o ser humano, para viver equilibrado, precisa de 3:00h dia, de *com+tacto* — visual, auditivo, sensorial, psicológico…. Com o Fernando, naquele

➔

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

O QUE É QUE EU TENHO FEITO PELO MEU PRÓXIMO? — Com a falta desta crónica há algumas semanas, os leitores poderão ter perguntado se a nossa Conferência Vicentina terá acabado, ou se está moribunda. Nem uma coisa, nem outra. Está bem viva e de boa saúde. Quem tem andado mal (em termos de tempo para a escrita) tem sido este pobre escriba.

Nos últimos tempos uma parte do trabalho da nossa Conferência tem sido cuidar de dar novos moradores a duas casas do Património dos Pobres da paróquia que ficaram sem os seus anteriores utentes e que, nos dois casos, precisavam de obras de manutenção e melhoria. Para uma delas, já reparada, foi uma senhora viúva e para outra irá um casal no qual o marido tem problemas da saúde complicados e os filhos, embora já "espigados", são ainda um pesado encargo para os pais, em vários sentidos.

Dar entrada numa casa do Património dos Pobres a uma família é fácil porque não falta quem queira estas moradias. O problema é fazer sair famílias que lá estão, quando deixam de estar em situação de carência económica. Daí todos os cuidados que procuramos ter no acto de atribuição destas casas a uma família, para minimizarmos o risco de, depois, ser muito difícil passar essa casa para outros quando a família deixa de precisar e há quem precise mais.

Desta e doutras maneiras, por cá continuamos a cuidar destes e doutros que são o nosso próximo, com todas as nossas limitações de seres humanos.

Quando vemos e ouvimos, nos dias que estão a correr, o está a ser mostrado e dito por aí em relação às chamadas IPSS, custa-nos observar o nível muito baixo em que anda o debate público sobre as questões sociais. Infelizmente, acontece o mesmo com o debate público sobre outros domínios da nossa vida colectiva. Claro que temos a nossa opinião sobre os tipos de situações que andam a ser discutidas na praça pública, mas isto aqui não é espaço para essa opinião, nem para acrescentar mais à polémica que vai por aí.

Há, no entanto, uma coisa que podemos aqui perguntar: Será que todos os que andam por aí a emitir opiniões, de vários sentidos, sobre as IPSS e sobre outras instâncias por onde passa a acção social, antes de dizerem o que quer que seja sobre esses assuntos fizeram a si próprios a pergunta "O que é que eu tenho feito pelo meu próximo?"

Se esta pergunta for feita por cada vez mais pessoas, se for respondida com sinceridade e se tiver consequências no comportamento de quem a faz, então teremos cada vez mais e melhor acção social.

Votos de um Santo Natal e de um Bom Ano de 2018 para todos os leitores e respectivas famílias! ❑

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Primeiro motivo que nos levava era ver a tal garagem, cuja renda ela pedia e foi o que fizemos.

Já ali não vivia, pois o senhorio tinha-a posto na rua, por falta de pagamento. Mas aquilo não era uma garagem. Era sim um comprido armazém, dividido na parte da frente por uma parede com porta, aparentando ter sido uma loja e uma enorme e comprida arrecadação. Devia três meses de renda, a 300€ cada. Paredes nuas, nada de mobília.

— *Então, saiu para onde?*

— *Para junto da minha tia, ali perto*.

Era o lugar onde havíamos chegado e fomos recebidos por aquela criançada toda.

Cá fora, uma mulher dos seus quarenta anos, aquecia-se numa fogueira adormecida, alimentada por uma trave velha de pinho, a queimar ao meio. Sentada, rentinho às ténues brasas e ao fumo que se erguia lentamente, gozava do calor que se desprendia no campo seco, ao ar livre.

A casa onde se acolhiam as três famílias era um quadrado de seis por seis, coberto de chapas de zinco rotas, tendo lá dentro três tarimbas e duas camas. Ao meio, com uma televisão pequena em cima, uma minúscula mesa e quatro cadeiras. O chão era de gravilha solta, sem cimento, e as paredes de tijolo estreito, rebocadas só por fora e tijolo à vista por dentro, abriam fendas, no cimo, entre elas e a cobertura zincada.

Um móvel de sala que lhes havíamos dado enfeitava o pobre ambiente com algumas loiças. As camas estavam feitas e a pseudo-sala não cheirava mal.

Era um Domingo, à tarde, sem sol e muitas nuvens. A cozinha não existia. Os alimentos são, de vez em quando, cozinhados cá fora e a casa de banho, ao ar livre.

Com aquele espectáculo à minha frente, o meu coração abrandou!... Meu Deus, como é possível?!... Num País em que tanto se fala da dignidade humana e… eu, só via ali promiscuidade e abandono.

Pareceu-me ter recuado vários séculos e olhar para o ridículo que é a luta contra a pobreza na Europa.

O homem da referida mulher não tinha ido para o Alentejo, como ela me havia dito. Ao olhá-lo, disparei:

— *Afinal, você está cá!*

— *Não, então eu sou o homem daquela mulher* — e apontava para a que se aquecia, sentada a uns quarenta metros.

Interrogada a sua mulher, afirmou-me, mentindo, que aquele não era o seu homem.

A gente fica perdido no meio de tanta mentira e tanta miséria. Senti-me impotente pegar naquelas pessoas para as promover.

Esta batalha não se trava só com dinheiro, como pensa a maioria dos políticos. O dinheiro é preciso, mas muito mais, o amor. Quantos fracassos esta gente conta, em tantas iniciativas realizadas só com o dinheiro!...

Faz-se um bairro. Inaugura-se. Há festa. Toda a gente se alegra e… depois… abandona-se tudo.

Passadas meia dúzia de anos, o bairro fica irreconhecível. Paredes sujas com *graffitis,* vidros e portas partidas, torneiras roubadas, casas de banho transformadas em estrumeiras, tacos arrancados, ladrilhos partidos, escadas sujas e danificadas, etc. Cria-se um ambiente envilecido, a degradar crianças e jovens, com uma consequente repulsa de quem construiu e a lógica marginalização social!

Porquê? Perguntar-me-ás. É porque as pessoas são más? De maneira nenhuma, mas porque lhes faltou o apoio constante e determinado, que só o amor vivo de Deus é capaz de gerar.

Os responsáveis sentam-se em gabinetes aquecidos no Inverno e refrescados no Verão, a ver relatórios, a dar sentenças e, nas casas, nada nem ninguém a amparar e de vigia.

A Igreja não está também isenta de culpas. Pois, para remediar uma desgraça destas, só uma sociedade cristianizada e não indiferente ou laica. ❑

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

dia, tudo quanto era doença, *o vento levou* nas ondas daquele calor humano com que tentei atendê-lo. Quando, ao outro dia, pergunto como está, o Fernando todo sorri ao dizer que *agora já estou melhor.*

Acredito que também em mim eu posso ver *o Reino dos Céus a crescer,* sempre que arranjo tempo, paciência e força de vontade para fazer um cházinho para estes *meninos*… A sonhar com uma *Galinha-Mãe* que possa vir para cá *render as que já caíram de cansaço*… ❑

e Mãe nossa./ "Obrigado — disse o Santo Padre — por vos associardes a mim nesta peregrinação vivida na esperança e na paz. Desde já desejo assegurar a quantos estais unidos comigo, aqui ou em qualquer outro lugar, que vos tenho a todos no coração. Sinto que Jesus vos confiou em mim (cf. Jo 21,15-17) e, a todos, abraço e confio a Jesus, principalmente os que mais precisarem — *como Nossa Senhora nos ensinou a rezar (Aparição de Julho de 1917). Que Ela, Mãe doce e solícita de todos os necessitados, lhes obtenha a bênção do Senhor!"* (Saudação na Vigília, 12/V/2017). *Saibam, pois, todos os Padres da Rua com quantos lhes são queridos, que o Papa Francisco os confiou à Virgem Mãe: "Sob o seu manto, não se perdem; dos seus braços, virá a esperança e a paz que necessitam"* (Homilia da Eucaristia, 13/V/2017) *e de que é penhor a Bênção Apostólica que lhes concede./ Sem mais, valho-me da ocasião para lhe testemunhar a minha fraterna estima em Cristo Senhor./ Mons. Paolo Borgia — Assessor.*

Que este mimo da Santa Igreja sirva para atenuar algumas dores, entre nós, neste Natal — de Jesus! ❑

SETÚBAL

Padre Acílio

Contentor

ENCHER um contentor não é tarefa fácil, pois todos os espaços têm de ser aproveitados e bem cheios.

O nosso transitário conseguiu que a operação se realizasse aqui em Casa, com um contentor de quarenta pés, poupando-nos muito trabalho e despesa, se tivéssemos de deslocar o material para outro lado. Foi um enorme benefício!

Eram muitas toneladas de tecidos, resguardados por enormes sacos de plástico, doze grandes pneus de tractor, os quais foram cheios de latas de salsichas e chouriço. Dois mil e quinhentos quilos de leite em pó, mil e trezentos quilos de sabão ensacado, uma máquina industrial de lavar roupa, uma tonelada de atum em conserva, uma fotocopiadora oferecida por uma senhora *Lion,* material didáctico e escolar novo, também oferecido. Mais de centena e meia de caixas de roupa, sacos com sapatos e outro calçado novo comprado, quarenta e três sacos de semente seleccionada de milho para grão e muitos quilos de sementes hortícolas. O material de limpeza, com escovas, esfregonas, baldes, vassouras pequenas e grandes, pincéis para caiar, foram oferta da *Fapil,* uma fábrica da Malveira, propriedade de gente amiga do Padre Zé Maria.

O enchimento do contentor foi trabalho diligente e esforçado dos nossos rapazes, comandados pelo Júlio Silva, experiente nestas tarefas, o qual veio de propósito de Paço de Sousa para nos orientar.

Uma senhora de Lisboa pagou metade do leite. Os irmãos do Padre Zé Maria colaboraram com dinheiro e mais amigos e amigas deram a sua ajuda, mas o grosso da despesa saiu do Património dos Pobres e desta Casa.

Batata-doce

OUÇO dizer que a batata-doce tem melhores propriedades alimentícias que a normal. Não tenho experiência nem capacidade para verificar as vantagens na alimentação humana, mas tenho-me deixado ir pelo eco popular, e temos vendido a maior parte da nossa colheita e comido com os rapazes, assada, frita ou cozida.

A verdade é que, como a plantação se faz não com tubérculos como a normal, mas com a rama da própria planta e esta se estende pela terra fora, em fios longos com folhas, uma só batata é capaz de dar trinta ou quarenta pequenos pedaços com uma folha cada, permitindo assim uma multiplicação abundante e barata.

Com um molho de quinhentas plantas e batatas já maduras, poderíamos ter feito um hectare de plantação, após o seu crescimento. Não o fizemos por não ter nem terreno nem escoamento. ❑

Página da OBRA DA RUA na *internet*

Em www.obradarua.pt, os nossos Leitores podem encontrar todo o conteúdo do nosso Jornal, depois de se inscreverem como assinantes. Tal como na edição em papel, não tem preço a assinatura da edição digital.

Na nossa página, podem ser consultados todos os jornais publicados desde o primeiro número em formato PDF. ❑

PENSAMENTO

Pai Américo

Oh! força do Evangelho! O mundo tem fome dEle. A Humanidade está farta dum sangue que não é o da Cruz. Querem ver obras. Querem ver Jesus como, naquele tempo, os forasteiros da páscoa. Querem-nO vivo, liberto dos discursos, de novo a curar enfermos, pugnar pelos fracos, correr os argentários, pôr o dedo nos fariseus, ir à cata dos pecadores, proclamar a justiça, dizer a Verdade. Amar, amar, amar até à renúncia — até à morte.

Notas da Quinzena, pp 29-30.

Gaiato®

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
jornal.o.gaiato@obradarua.pt • obradarua@iol.pt
www.obradarua.pt facebook.com/Casa.do.Gaiato
IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL
Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • **N.° de Registo** 100398 • **Tiragem:** 21100
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

MOÇAMBIQUE Quitéria Paciência Torres

É tempo de ajudar

HÁ uma canção cujo refrão diz: "é mais alegre dar que receber…". Desta vez o meu coração diz o contrário. Foi para mim uma grande alegria receber.

A nossa Casa está a ficar pequena. Todos os dias aparecem situações difíceis perante as quais é impossível dizer não. Muitas vezes são crianças que percorrem quilómetros a pé para pedir socorro, outras são deixadas na Aldeia mais próxima pelos vizinhos e amigos por saberem da existência da nossa Casa. Semanalmente, vamos por aí fora com algumas delas à procura de algum familiar para tentar conhecer a verdadeira história.

As nossas necessidades aumentam e as doações diminuem, pois o momento crítico em que Moçambique vive é desolador.

No mês passado tivemos apenas o mínimo para garantir os nossos compromissos. Começamos por sensibilizar a todos para mais austeridade quanto à alimentação, à energia, a água que actualmente temos que pagar. O garantir a manutenção desta linda Aldeia deixa-nos com o coração atribulado, mas aumenta a nossa confiança em Deus.

Os nossos rapazes quando vêm passar os fins-de-semana em Casa, costumam pedir algum apoio para as despesas necessárias e costumo responder: "filho, hoje é Domingo, vamos colocar o nosso cestinho no ofertório e esperar que de lá do altar venha algo". Eles fazem-no com muito carinho. Às vezes há resposta, às vezes não. E assim no nosso silêncio Deus vai abrindo os corações que nos ajudam a viver com dignidade, a dar direito — e respeito — a todas as vozes.

Os nossos visitantes ficam contentes quando chegam à nossa Casa, imaginando logo uma família perfeita. Mas, como em todas as famílias, é preciso deixar que o trigo e o joio cresçam juntos e com o tempo, sempre com o coração nas mãos, respeitar o interior de cada um até o momento da colheita.

Nesta sociedade onde os valores são colocados à prova, é necessária uma preparação constante para não confundir o mal com o bem.

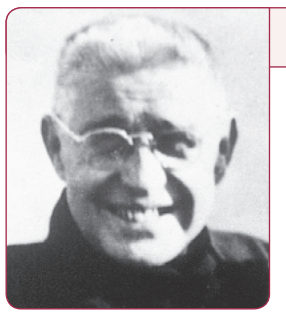
No meio destas noites intranquilas a pensar no amanhã, aparecem os nossos amigos da *Pipeline*, que alegria! Não os conhecemos, não conhecem os nossos rapazes, mas sabem da existência desta Casa e todos os anos somos bem lembrados por eles. A nossa gratidão à Direcção desta empresa e a todos os colaboradores que, de certeza, no seu trabalho pensam e lutam por um Moçambique melhor.

Enfim, todos os dias nas nossas orações lembramo-nos dos nossos benfeitores e nas nossas reflexões com os rapazes falamos daqueles que não nos conhecem, mas que nos têm presente no seu coração bondoso.

A imagem bonita desta Casa incomoda algumas pessoas. Pensar nos mais pobres é para alguns oferecer o que resta e não o que deve. Fico incomodada quando ouço pessoas que, ficando pela aparência, chama-nos de "ricos". Somos "ricos" por termos uma Casa digna, crianças saudáveis, partilhando alegria e esperança com os que chegam. Posso dizer que neste aspecto somos verdadeiramente ricos. Mas isto não é o suficiente.

É preciso que haja corações bondosos, capazes de partilhar o que têm para que possamos — todos os dias! — manter esta chama acesa. Dar aos mais pobres condições dignas para construir o seu próprio futuro.

A todos os nossos amigos que deixam com carinho as suas ofertas, quer em espécie, quer em outros donativos, o nosso muito obrigado. Nesta Família tudo é bem aproveitado. ❑



DOUTRINA Pai Américo

Ajudar *é a palavra mais sublime do vocabulário cristão*

EU estava na sacristia do Mosteiro de Paço de Sousa quando se abeira de mim um homem do povo, a perguntar quanto custa *O Gaiato;* ao que eu respondi ser mercadoria sem preço, sujeita à boa vontade dos assinantes.

— Dez mil reis chega?

— Até menos, se quiser.

— Não; eu sempre quero dar dez mil reis para ajudar as obras.

Nunca ouvi falar assim na terra onde fui menino!

Ajudar! É esta a palavra mais sublime do vocabulário cristão. Dentro dos muros da economia divina, ninguém é chamado a levar a cruz dos mais, sim, mas todos temos de *ajudar* cada um a levar a sua.

Simão de Cirene aliviou a do Senhor. Foi esta a lição que o nosso Salvador quis dar aos homens: permitiu que O ajudassem para nós ajudarmos os nossos Irmãos.

Ai! quanto gostei de ouvir a palavra do camponês: — Quero ajudar as obras!

Não disse: Quero fazê-las. Não poderia. Ninguém pode. As cruzes são intransmissíveis e esta é a *minha cruz*.

Quer ajudar. Quer aliviar. É amigo!

Do livro *Notas da Quinzena*, p 37

BENGUELA Padre Manuel António

Sinais de esperança

ESTAMOS a viver o tempo de preparação para a Festa do Natal. É o tempo do Advento. Há uma atitude que deve ocupar o nosso coração: É o amor verdadeiro ao nosso próximo. Estou a lembrar os pobres, dum modo especial. Sim, esta é a atitude interior que se nos pede. Sejamos servidores dos que mais necessidade têm da nossa ajuda. A Casa do Gaiato de Benguela tem sentido o amor, cheio de carinho, para com os filhos mais abandonados da sociedade que foram acolhidos como na sua casa de família. Sem as ajudas que o vosso amor nos proporciona, não seria possível realizar este projecto maravilhoso. Procuremos, pois, cada pessoa, dentro das suas possibilidades, ajudar os mais pobres. Deste modo, estamos a colaborar na criação dum mundo mais justo, mais feliz. Há dias, alguém me perguntou: como é possível a vida económica na nossa Casa do Gaiato? A resposta não podia ser outra: a vida económica é possível, graças às ajudas particulares que os nossos benfeitores nos dão. Deste modo, procuramos realizar o ideal: *Fazer de cada rapaz um Homem*. Este ideal entra na vida de todos os que nos ajudam.

A propósito, como temos referido, várias vezes, há muitos pedidos para acolhermos filhos abandonados na rua. Acontece, porém, que não é possível, neste momento da nossa vida. Há um grupo de rapazes que necessitam de sair da nossa Casa do Gaiato, pela idade e outras condições. A falta de emprego para a sua autonomia normal não tem permitido a sua saída, até este momento. É, sem dúvida o problema mais preocupante que estamos a viver, nesta hora. Esperamos, ao começar o novo ano, uma solução. Buscaremos todas as ajudas humanas possíveis. Esta será a ajuda mais preciosa que as empresas podem dar à Casa do Gaiato, neste momento. Os rapazes, em causa, fizeram a sua preparação escolar e, ao mesmo tempo, a sua preparação profissional nas oficinas da Casa do Gaiato. Há dias, foi possível empregar um dos rapazes com as suas limitações escolares, por incapacidade. Graças à grande amizade do empresário, a solução do emprego foi possível. Aguardamos idênticas soluções para os restantes. Deste modo, a porta da Casa do Gaiato será aberta para acolher novos filhos da rua. Queremos partilhar convosco este tipo de problemas para que o vosso coração esteja muito unido ao concreto da nossa vida.

Foi com muita alegria que recebemos, há dias, a oferta duma quantidade notável de material escolar. Uma empresa que tem o seu coração comprometido com a promoção social dos filhos abandonados tomou esta iniciativa. Foi uma surpresa que nos deu alegria e confiança. Esta empresa, sem dúvida, sente-se comprometida na construção dum mundo mais humano, com a sua contribuição cheia de amor. O ano lectivo chegou ao fim. Dentro de poucos dias, estaremos na posse de todos os resultados finais, desde a iniciação até às classes mais altas. O aproveitamento, porém, não foi positivo na sua totalidade. Não podemos, contudo, desanimar. As famílias normais passam, também, por estas situações. Vamos continuar a caminhar para a frente. Um motivo de esperança para ajudar a resolver o grave problema da falta de emprego para alguns dos rapazes mais velhos foi a oferta da disponibilidade de pessoa amiga que vai dar passos nesse sentido. Esperamos que o início do novo ano nos abra algumas portas, nesse sentido. Uma ajuda preciosa para a nossa alimentação vem dalgumas pescarias da Baía Farta. Não nos tem faltado o peixe necessário nas nossas refeições. Dentro de momentos, vamos buscá-lo, pois a última oferta já chegou ao fim. Continuamos a viver o tempo do Advento, a caminho da Festa do Natal. Desejamos um Natal cheio de Paz e Alegria para todos os corações. Lembramos os mais pobres e todos os filhos abandonados que não têm a alegria duma família que os ame. Sentimos uma união muito profunda com todos os corações que amam a nossa Casa do Gaiato de Benguela com todos os seus filhos, com a partilha dos seus bens. Um beijinho, de modo especial, dos filhos mais pequeninos, para todos, com votos dum Natal Feliz! ❑

SINAIS Padre Telmo

Continuação da página 1

VEIO o Frederico. Fez hoje as provas da primeira-classe e passou para a segunda. Mandei-o tirar um sambapito e dei-lhe a revista *Audácia* com o calendário escolar. Sentou-se a folheá-la. Que virá a ser este menino? Para já tem um personalidade que cativa.

Entrou o Ernesto, 10 anos e já na quarta-classe. Um beijo e outro sambapito.

***

O Sabumba não podia faltar, veio com o Comboio e o Ernesto entregar-me uma carta com um texto docinho: «Padre Telmo, feliz aniversário. Parabéns! O senhor é já um velho de 92 anos, muito simpático.»

Sabumba ainda não conhece a palavra casmurro.

— *Olha! ainda não foste outra vez à semente de cana para sugar?*

Ele sorriu: —*Agora já sei que duma semente saem muitas canas*.

— *Bem*… ❑